

**UFSJ – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI  
ARTIGO DE DEFESA (TCC 3) PARA GRADUAÇÃO EM TEATRO**

**GUILHERME PAIFFER PELODAN**

**A Caetanave e Octavio Paz como catalizadores  
para a construção de um texto dramático**

**SÃO JOÃO DEL-REI**

**2014**

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. AS BASES DA DISCUSSÃO DRAMÁTICA	4
3. AS INFLUÊNCIAS DE CAETANO VELOSO	5
4. AS INFLUÊNCIAS DE OCTAVIO PAZ	7
5. O TEXTO E SEUS PERSONAGENS	9
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
ANEXO	15
REFERÊNCIAS	14

## 1. INTRODUÇÃO

Meu gosto pela literatura, provavelmente com maior tendência ao surrealismo, me encaminhou para um projeto de TCC pautado na dramaturgia. Poderia trabalhar com peças de Federico Garcia Lorca, ou mesmo me apoiar nos textos do clássico *Uma Temporada no Inferno* de Arthur Rimbaud, quem sabe me aprofundar nos subolos alagados e profundos do *Cantos de Maldoror* do excêntrico e triste Conde de Lautréamont (Isidore Ducasse), ou ainda no surrealismo junkie de William Burroughs no *Almoço Nu*, quem sabe no singelo, sincero e grandioso surrealismo de Manoel de Barros, ou no modernismo esquizofrênico de poetas como Roberto Piva, no sadismo de um Glauco Mattoso, ou do próprio Marques de Sade, na malandragem boêmia de um Henry Miller, na sabedoria mesclada entre ocidente e oriente de Hermann Hesse, na classe média fragmentada de Luiz Ruffato, na poesia forte e concisa de Marcelino Freire, enfim, as opções eram muitas.

Acabei escolhendo Caetano Veloso após comprar a primeira edição autografada de *Alegria, Alegria uma caetanava organizada por Waly Salomão*, livro onde se encontram diversos textos escritos por Caetano, na sua maioria textos do exílio em Londres, onde o bahiano adota uma linguagem (e me permitam por favor a poesia não patológica) histórica, moderna, ágil, sincera, semelhante ao famoso James Joyce de *Ulisses* em alguns sentidos, fragmentada, indomável, uma linguagem “porrada” e carinhosa ao mesmo tempo.

A solidão presente no texto me fascinou, porque sou eu mesmo um personagem solitário, além da linguagem e das possibilidades de estudo. Através da minha formação em Teatro tive pouco contato com as teorias da crítica literária, e a maior dificuldade a seguir foi encontrar um forma de análise teórica dos textos de Caetano.

Durante uma das aulas da Prof. Juliana Monteiro, nos foi requisitada a leitura do clássico *O Arco e a Lira* de Octavio Paz. Não li imediatamente, mas por já haver ouvido o nome antes, e sentir um frio no estômago quando ouvia este nome peculiar e de beleza poética incrível, resolvi dar uma “corridinha” atrás do texto. O que encontrei foi um incrível ensaio poético sobre a poesia moderna e pós-moderna, e frente ao que Paz construiu encontrei grandes possibilidades de diálogo com a poesia de Caetano.

Paz defende uma poesia livre e fragmentada onde os conceitos se constroem em si, no

efervescer do momento em que se lê, ou recita, ou canta, enfim. Percebi o objetivo que tinha à frente. Seria necessário escrever um texto dramático para selar minha formação acadêmica, entretanto eu não haveria de trabalhar com textos mortos, eu precisava de algo vivo, algo que pulsasse, algo que fosse capaz de transformar aquele que lê. A poesia de Caetano é a minha principal fonte de inspiração para a criação do personagem Caetano, enquanto que a teoria de Paz, além de servir como função analítica da poesia de Caetano, também me serviu como fonte de inspiração para a criação do personagem alegórico Consciência. Não é à toa, que a Consciência, de alguma forma, analisa Caetano.

## 2. AS BASES DA DISCUSSÃO DRAMÁTICA

*Há um ponto em que isto e aquilo, pedras e penas, se fundem. E esse momento não está antes nem depois, no princípio ou no fim dos tempos. Não é paraíso natal ou pré-natal, nem céu ultraterrestre. Não vive no reino da sucessão, que é exatamente o dos opostos relativos, mas está em cada momento. É cada momento. É o próprio tempo se gerando, emanando, abrindo-se para um acabar que é um contínuo começar. Jorro, fonte. Ali, no cerne do existir – ou melhor, do existindo-se -, pedras e penas, o leve e o pesado, nascer e morrer, ser-se, são uma coisa só. (PAZ, 2012, p. 109).*

A peça trata de uma questão humana fundamental, muitas vezes posta de lado em prol das futilidades da vida contemporânea, que é a da retomada da consciência enquanto ser que é a partir de um momento de crise.

A temática central da peça, embora se utilize da caricatura de um personagem tão conhecido da MPB, é a busca do homem pela sua consciência. O homem contemporâneo vive em conflito com sua consciência e com suas potencialidades, minadas por diversas circunstâncias sociais, econômicas, políticas, psicológicas, culturais, etc. Pode-se dizer que o ser humano se afastou da natureza. Sua origem para criar para si próprio uma outra natureza. O que não nos cabe discutir aqui, mas sim propor um meio de aproximação do homem com relação à sua consciência (que como dito durante a peça é também, de alguma forma, a consciência do vizinho, e portanto a consciência individual, ao menos dentro das paredes desta encenação, paradoxalmente é a mesma consciência coletiva): a poesia inerente à vida é o caminho sugerido por este trabalho.

Se o mundo em que vivemos nos fabrica culturalmente para a produtividade, por outro lado nos é roubado, ou pelo menos escondido, o direito, e de certa maneira o dever, à busca do

auto-conhecimento. O homem dividido entre seus desejos, e aquilo que realmente é (aqui podemos perguntar: o homem não é suas aspirações e desejos? Mas limitar-se apenas ao desejo é chegar ao mendigo que incessantemente responde ao desejo pelo álcool e acaba na sarjeta não menos ou mais humano do que qualquer outro ser humano, entretanto distanciado da sua própria consciência, distanciado no sentido em que se desumaniza e muitas vezes perde por completo o senso de si).

A consciência surge como uma alegoria durante a peça. A união do ser à consciência é retratada através da aproximação com a poesia. À medida que o ser abandona sua racionalidade e se conecta a instâncias anteriores à racionalidade e ao próprio sentimentalismo é capaz de entrar em contato com a vida pulsante, a vida dinâmica em constante transformação, e por isto um milagre (no sentido mais amplo e menos católico da palavra). A vida não é anti-racional, ou anti-sentimentalista, mas justamente não se limita impondo o sentimentalismo ou a racionalidade como fonte ou centro da vida, mas apenas como meras ferramentas do funcionamento orgânico do ser.

Se o texto se utiliza em alguns momentos de movimentos cômicos é porque se trata de um trabalho artístico dirigido ao público em geral, e não um trabalho filosófico dirigido a públicos mais seletos, muito embora não se atenha a este ponto com força exacerbada.

O homem frente à sua própria consciência questiona-se, assim como Hamlet diz “ser ou não ser” procuramos caçar ou duvidar daquilo que nos desperta para nós mesmos, porque apenas na dúvida podemos nos defender e aprender a mais tarde entregar-nos, apenas no diálogo com o próprio íntimo, com o âmago de si, para si.

Mais cedo ou mais tarde todos questionam a si mesmos. Os nossos atos mais comuns ou cotidianos em certos momentos perdem o sentido, e surge a necessidade de fazer o inexplicável sem uma explicação ao menos razoável para isto, e é então que surge a poesia, é então que surge a vida viva, que de modo algum pode ser racionalizada, mas apenas sentida, e é a este ponto que o enredo da peça procura levar o espectador.

### 3. CONTRIBUIÇÕES DE CAETANO VELOSO

*lá em Londres, vez em quando, quando me sentia longe, dava por mim. no rio de janeiro: continua./ na sampa: mano a mano./ (mano a mano hemos quedado/ no me importa lo que has hecho,/ lo que haces y lo que harás)./ na pernambucália: não se perca de mim, não se esqueça de mim, não desapareça./ no porto da barra limpa:*

*que barra pesada. que preguiça. que beleza. quanto medo. quanta alegria. a chegada da caetanave tapajós na praça castro Alves. nando. a chuva. quanto medo. marquinhos. o que é que a baiana tem? você já foi a bahia, nêga? não?, então vá. atrás do trio elétrico. esse negócio da mãe preta ser leitera já encheu mamadeira, do jeito que vai, a bahia vai virar um cocô. vá mamar noutra lugar. / na tv: um cara de pierrot.* (VELOSO, 1977, p. 85).

Historicamente a obra de Caetano está inserida no contexto tropicalista. Importante movimento cultural nascido no Brasil e que tem como principais ideólogos: Caetano Veloso e Gilberto Gil. Artistas como Hélio Oiticica, Augusto de Campos e Glauber Rocha também estão inseridos no contexto tropicalista. O tropicalismo tem como uma de suas principais fontes de referência a obra antropófaga de Oswald de Andrade.

O livro “Alegria, Alegria uma Caetanave organizada por Waly Salomão” contém textos escritos por Caetano Veloso entre o período de 1965 até 1973. Os textos organizados pelo poeta Waly Salomão publicados pela editora “Pedra Q Ronca” tiveram uma única edição.

Desde feroz crítica à burguesia e ao academicismo até momentos de desbunde emocional e profunda reflexão sobre a música popular brasileira, o livro é abrangente e eclético, expõe um extenso panorama relacionado à revolução cultural pela qual passa o Brasil e principalmente a música popular brasileira.

O que mais nos interessa é a possibilidade de captar partes da personalidade de Caetano e se apropriar para a criação do personagem Caetano, que não necessariamente segue a risca a personalidade do bahiano na vida real.

Dentro desta pesquisa o material de maior relevância do autor são os textos escritos durante o exílio (1969-1973).

É notável a presença de processos estilísticos ligados às literaturas de vanguarda e ao modernismo. A pontuação indica uma postura descompromissada do autor com relação às normas cultas da língua. A ausência de uma postura objetiva lembra *o flâneur* de Baudelaire andando pela cidade e discorrendo fluidamente sobre o que lhe melhor apetece. O ritmo envolvente da escrita em fluxo, a relação da memória com o aqui-agora do mundo sensorial. A escrita não acontece em ordem cronológica, mas de acordo com a memória do autor, que recorta e une fragmentos diversos do seu universo. A presença de neologismos (“pernambucália”), a incursão abrupta e repentina de outros idiomas (no caso castelhano), indicam os processos modernos no qual o texto de Veloso está inserido. Processos estes comentados e estudados por Octavio Paz em *O Arco e a Lira*.

#### 4. CONTRIBUIÇÕES DE OCTAVIO PAZ

*O homem quer ser uno com suas criações, reunir-se consigo mesmo e com seus semelhantes: ser o mundo sem deixar de ser ele mesmo. Nossa poesia é consciência da separação e tentativa de reunir o que foi separado. No poema, o ser e o desejo de ser por um instante se conciliam, como o fruto e os lábios. Poesia, momentânea reconciliação: ontem, hoje, amanhã; aqui e lá; tu, eu, ele, nós. Tudo está presente: será presença. (PAZ, 2012, p. 291)*

O processo de escrita de Caetano Veloso pode ser inserido no conceito de *signos em rotação* exposto por Octavio Paz em ensaio de mesmo nome. Ausência de ordem cronológica, fragmentos, memórias, imagens; racionalidade, linearidade e organização diminuídas em prol das sensações e percepção imediatas do mundo. Os signos são recodificados e muitas vezes exigem esforço subjetivo do leitor. Os textos são muitas vezes escritos para serem “sentidos” percebidos de forma não racionalizada.

Inseri na personagem Consciência as características conceituais dos ensaios de Octavio Paz. A Consciência que se apresenta a Caetano é atemporal, um ser mágico que precede o humano, ser a partir do qual a humanidade pode existir, um ser que exprime o inexprimível em palavras, que através da forma e da razão é capaz de demonstrar o absurdo e a irracionalidade da vida (posto que entendemos por razoáveis os padrões criados por humanos, mas muitas vezes ignoramos padrões que nos precedem, os padrões da própria vida).

É importante ressaltar que para Octavio Paz a poesia é diferente do poema. A poesia é inerente à vida e à arte, é uma forma de perceber a vida, é a própria possibilidade de ser humano. A poesia é para Paz a relação viva com a vida, e o esforço poético cria mitos. Estar em relação com a vida é a capacidade de enxergá-la em sua maior profundidade. Os mitos não ensinam através da racionalidade, mas através de figuras arquetípicas que vivem em comum na alma dos homens (Como nos ensinou Carl G. Jung).

Os principais conceitos utilizados da obra de Octavio Paz para a construção da dramaturgia e análise do texto de Caetano provêm da concepção particular que Paz tem da poesia. A poesia para Paz cumpre o papel de reconciliação do homem com sua consciência temporal transcendental, é o re-ligare ao aqui-agora e paradoxalmente à eternidade.

Para Octavio Paz a poesia é a fonte da própria consciência humana. A poesia, portanto, não é racional (tampouco meramente sentimental), é experiência, percepção e imaginação, base da consciência humana. A razão enquanto alicerce do pensamento contemporâneo afasta a imaginação do pensamento crítico. Nasce uma impossibilidade de compreensão com relação àquilo que não é meramente racional. O homem contemporâneo se mutila ao separar imaginação de pensamento crítico. A racionalização representa uma diminuição da capacidade comunicativa do homem. Para Paz a poesia é anterior à humanidade, pois apenas a partir da poesia é que se pode conceber o ser humano. A base da consciência humana é a poesia, e a humanidade por sua vez só existe a partir do momento em que adquire consciência. A poesia é um mecanismo de despertar da consciência ao mesmo tempo em que é a própria consciência.

Paz entende que a poesia está ocorrendo constantemente no aqui-agora. A poesia é o desaguar dos tempos antigos no presente, ao mesmo tempo em que é um projeto do futuro. A união de todas as temporalidades no aqui-agora, a poesia pode ser entendida como um vislumbre da eternidade, um vislumbre do inexprimível ainda que utilize formas de expressão palpáveis.

O que Paz entende por poesia será traduzido para a nossa obra em questão enquanto *consciência*. O homem só pode estar pleno quando é capaz de ser uno com sua consciência, ou seja, quando é capaz de expressar poesia em seus atos (Nietzsche diz só crer em um Deus que souber dançar), em seu modo de ser, quando é capaz de enxergar poesia na vida, quando é capaz de se conectar à vida de modo a tornar-se ele mesmo a própria vida.

Se para Octavio Paz a poesia moderna é fragmentada, é signos em rotação, imagens violentamente rodando em um furacão, este momento é apresentado em nosso texto quando Caetano e a Consciência se entendem, quando a racionalidade deixa de fazer parte *a priori* da relação estabelecida com o mundo.

A crítica de Octavio Paz ao academicismo ou à racionalidade é de importância vital. Se por um lado um homem guiado cegamente pela sua paixão é incapaz de enxergar ou perceber o mundo à sua volta, e vê apenas por uma fresta, da mesma forma o homem guiado pela sua racionalidade é igualmente cego. A poesia (para o nosso texto a consciência) se aproxima da capacidade intuitiva, e embora não ignore os sentimentos e a racionalidade, se utiliza deles enquanto meras ferramentas para alcançar um estado de plenitude humana onde o ser é capaz de se conectar continuamente ao mundo ao seu redor (neste sentido podemos dizer que é algo semelhante à *imanência de desejo* de Deleuze, já que a imanência representa a

capacidade de completude no aqui-agora, e o desejo [inspirado em Spinoza] representa a capacidade de conectar-se com o objeto desejado: a *imanência de desejo* neste sentido é a capacidade de comunhão aqui-agora com todas as coisas [é importante dizer que este conceito apenas nos serve como comparação e não como análise mais profunda ou conceitual]).

Um poema puro seria aquele em que as palavras perderiam seus significados particulares e suas referências a isto ou aquilo, para só significar o ato de poetizar – exigência que o levaria ao desaparecimento, pois as palavras são significados disto e daquilo, quer dizer, de objetos relativos e históricos. Um poema puro não poderia ser feito de palavras e seria, literalmente, indizível. (...) o que caracteriza o poema é sua necessária dependência da palavra, tanto quanto sua luta para transcendê-la. (PAZ, 2012, p. 191).

O poema para Octavio Paz é a busca do homem por superar-se, por alcançar a poesia. O homem depende do mundo para expressar-se, mas ao mesmo tempo, a expressão pura, a poesia (representada na peça como consciência), é o inexprimível, aquilo que pode ser apenas sentido ou intuído, mas nunca explicado (aqui também nos aproximamos do conceito de Tao, exposto em Tao Te Ching. Ao mesmo tempo em que o Tao representa o todo e o vazio, tudo aquilo que pode ser explicado não é Tao. Tao é o inexprimível que existe em todas as coisas, ao mesmo tempo em que é sua ausência).

## **5. O TEXTO E SEUS PERSONAGENS**

O texto respeita as três unidades aristotélicas. Toda a peça acontece no apartamento de Caetano em tempo linear, e a ação transcorre toda em torno das questões existenciais do músico em relação à vida e a possibilidade que a Consciência tem de lhe oferecer ajuda.

Embora o momento final e mesmo as falas da Consciência remetam a um tempo infinito que sempre se localiza no desaguar do aqui-agora, a decisão foi por manter a unidade aristotélica de tempo. Para uma possível montagem: o final pode apresentar elementos variantes como estímulos para o mergulho na poesia, possivelmente brincando com as

unidades aristotélicas ainda que o texto as respeite.

Para a dramaturgia não se caracterizar por um estilo de muita seriedade, ou mesmo para alcançar de forma melhor o público, escolhi utilizar pequenas brincadeiras de fundo filosófico. Alcançar o público com ideias afastadas do senso comum através da não-seriedade.

Repito o que disse acima: “Se o texto se utiliza em alguns momentos de movimentos cômicos é porque se trata de um trabalho artístico dirigido ao público em geral, e não um trabalho filosófico dirigido a públicos mais seletos, muito embora não se atenha a este ponto com força exacerbada.”

*CAETANO – Ok! Então você é a minha consciência?/ CONSCIÊNCIA – Sim.../ CAETANO – E você é feito de carne e osso?/ CONSCIÊNCIA – Eu sou feito de matéria sutil. Se você preferir podemos também dizer que eu sou feito de energia. Na verdade, eu faço parte do seu campo vibracional, eu sou você em sua forma mais elevada./ CAETANO – Agora eu estou feito!/ CONSCIÊNCIA – Estamos todos em constante transformação para ser mais preciso (PELODAN, 2014, p. 2)*

A variação de ritmos do texto acontece com a intenção de alcançar o espectador não apenas através do âmbito racional, mas também através do fluxo (além do humor). O objetivo é que o espectador entre em contato com as ideias inseridas no texto sem a necessidade de confrontá-las frontalmente.

*CONSCIÊNCIA – Você sabe o que é amor?/ CAETANO – A rosa pequenina/ CONSCIÊNCIA – Quem conhece os segredos do mar?/ CAETANO – Janáina era uma mulher linda/ CONSCIÊNCIA – O amor é a expressão máxima da liberdade/ CAETANO – Ou o suicídio? (PELODAN, 2014, p. 17)*

O texto foi escrito de forma fragmentada a partir dos estudos bibliográficos e de anotações constantes principalmente do livro de Caetano Veloso. Através das anotações comecei a desenvolver os primeiros diálogos procurando absorver parte da personalidade presente nos textos originais. Pelo meu texto não apresentar em seu projeto necessidade alguma em respeitar os fatos históricos, ou mesmo os personagens nele representados possuírem quaisquer traços realistas, pude abranger de forma mais criativa as questões presentes.

O personagem principal (Caetano) é um músico brasileiro de prestígio que se encontra exilado de seu país por conta da ditadura militar. Em seu apartamento de Londres repentinamente recebe a inesperada visita de um desconhecido que surge em sua sala sem entrar pela porta principal. O desconhecido alega ser a consciência de Caetano. Os dois passam então a dialogar sobre questões relacionadas ao mundo íntimo do artista e questões de âmbito geral (liberdade, por exemplo) procurando sondar a alma e existência humanas.

Se o texto começa de forma linear, bem delimitada, e racionalista (a Consciência utiliza argumentos lógicos), seu desenvolvimento o encaminha para uma linguagem mais lírica e poética. Isto se dá pelo fato de que, de acordo com a filosofia da Consciência, a vida deve ser sentida e não racionalizada, portanto a aproximação da linguagem utilizada pelos personagens à linguagem poética é uma forma de demonstrar esta transformação interior sofrida pelos personagens. O lirismo demonstra o distanciamento da racionalidade e a proximidade dos sentimentos, assim como demonstra um crescente acordo entre os personagens conforme cresce o lirismo, ou seja, quanto mais poético se torna o texto, mais os personagens entram em acordo, mais Caetano entra em acordo com sua Consciência.

O texto possui alguma profundidade filosófica inspirada nas teorias de Octavio Paz presentes em *O Arco e a Lira*. O poeta e ensaísta Octavio Paz concebe a poesia como a raiz da consciência humana.

O personagem Consciência é uma alegoria. Representa as angústias existenciais de Caetano e também as respostas para todas elas. A Consciência é Caetano. Enquanto Caetano possui uma personalidade bem definida, (ou mais ou menos definida, e aqui sou irônico), a Consciência não possui personalidade e é atemporal, ou seja, embora esteja inserida no espaço-tempo e dependa dele para se materializar ou para utilizar referências necessárias à compreensão humana e à sua existência material, ela também alcança o infinito, alcança a morada dos arquétipos, não se atém aos fatos que a envolvem, é desapegada das regras morais e vive apenas o momento presente, é capaz de captar a poesia do presente, e por isto não tem necessidade de se prender a quaisquer outras regras ou invenções humanas.

Embora a racionalidade esteja inevitavelmente presente, o objeto central para a Consciência é a não-racionalidade e a possibilidade de vida “eterna” (por vida eterna se entende o constante esforço concentrado no aqui-agora). Por isto para a Consciência o mito é mais importante que a razão, e por este mesmo motivo, alguns impasses existenciais que são de importância vital para Caetano, são entendidos quase como pequenas “futilidades” pela

Consciência.

O personagem Caetano aproxima seu raciocínio do senso comum para haver maior distanciamento e margens mais claras entre Caetano e a Consciência. Enquanto a Consciência surge como um ser que inicialmente se utiliza de linguagem erudita, Caetano utiliza linguagem mais próxima à linguagem popular. A intenção é que o público se identifique mais com Caetano e entenda o lugar distanciado em que a Consciência inicialmente se põe. Distância esta que diminui conforme o desenvolvimento da peça.

Quando Caetano percebe que a distância entre si e a sua consciência não existe, percebe que a consciência é fonte de fragilidade e força, só então, é capaz de encarar a vida com o coração aberto e se libertar de seus dilemas existenciais.

*CAETANO - Consciência, quero descansar, mas a vida pede obras e não palavras/ CONSCIÊNCIA - Isto se chama amor. Sou contente, de te entregar a minha fé/ CAETANO - Se eu pudesse, fazer os olhos dos outros, verem o que eu vejo/ CONSCIÊNCIA - Não se assuste. A luta é árdua, mas justa. Generosamente ao se salvar, você me salva. E o que vale mais do que a consciência? Eu sou a morada da sua felicidade. É um dever acudir aquilo que tem necessidade.(PELODAN, 2014, p. 24)*

Ao final Caetano e a Consciência são o mesmo. Caetano pode então se desvincular de sua identificação exagerada com os problemas do Eu em prol de uma consciência mais abrangente. Não em prol de uma identificação com a consciência, mas com o fato de ele mesmo ser consciência.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A peça *Caetano* se utiliza de fragmentos poéticos de textos do autor Caetano Veloso (*Alegria Alegria uma Caetanave organizada por Waly Salomão*) e a teoria de Octavio Paz presentes em *o Arco e a Lira* para a construção do seu enredo no qual a questão do homem e de sua relação com a consciência é posta em questão.

O texto apresenta ao final de forma não direta a sugestão: a poesia (compreendida através de Octavio Paz) é um dos caminhos para a união do ser com a consciência. A poesia é um caminho para o encontro do ser consigo mesmo, e portanto uma chave para a

compreensão do mundo.

Durante o processo de escrita muito de mim veio à tona, o texto serviu não só como catalizador das obras de Paz e Veloso, mas do meu próprio ser. A forma com que nos relacionamos com o mundo deixa de ser poética ao deixarmos de lado o nosso ser. Hamlet pergunta “Ser ou não ser?” e a poesia surge como um caminho de encontro ao ser, embora seja um caminho de busca contínua, estar a caminho é de alguma forma estar lá, porque o estar lá está no agora. Paz afirma que a poesia é o encontro de todos os tempos no aqui-agora, basta a nós a difícil tarefa de transformar a vida em poesia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BLAKE, William. **O casamento do céu e do inferno & outros escritos**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3.

FAVARETTO, Celso. **Tropicália alegoria alegria**. Cotia: Atêlie Editorial, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. São Paulo: Nova Fronteira, 1964.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PELODAN, Guilherme. **Caetano**. São João del-Rei: UFSJ (trabalho de conclusão de curso), 2014.

VELOSO, Caetano. **Alegria, Alegria**: uma caetanave organizada por Waly Salomão. Rio de Janeiro: Pedra Q Ronca, 1977.

VELOSO, Caetano. **Antropofagia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

TSÉ, Lao. **O Livro do Caminho Perfeito**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973 (Tao Te Ching).